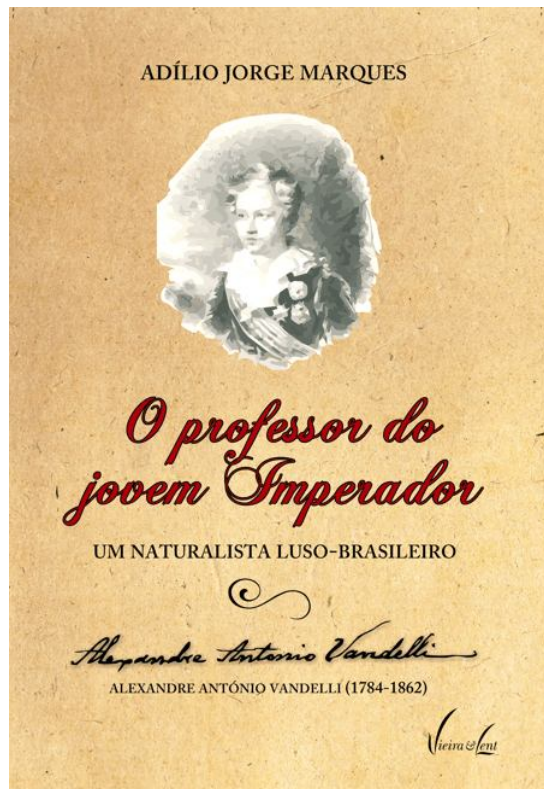


Resenha

Adílio Jorge Marques, *O Professor do jovem Imperador, um naturalista luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010. ISBN 978-85-88782-79-2.



Não é incomum ouvirmos lamentos de que a cultura brasileira não valoriza sua história, o que é particularmente verdade para a história da ciência nacional no século XIX. Assim, é com grande satisfação que vejo vir à luz, pela Vieira & Lent, o livro de um jovem historiador brasileiro que, desde sua graduação em Física, quando foi meu aluno, demonstra grande interesse por História e Filosofia das Ciências, e posteriormente se especializou nos estudos da ciência luso-brasileira dos séculos XVIII e XIX. Seu texto resgata, pela primeira vez, com uma unidade impressionante, a vida e a obra do naturalista luso-brasileiro Alexandre Antonio Vandelli (1784-1862) que vale a pena ser esmiuçada. Figura histórica, quase relegada ao esquecimento completo, é uma daquelas poucas pessoas que integravam um círculo de intelectuais preocupados em manter acesa no Brasil uma pequena, mas fundamental, chama iluminista, precursora de um ambiente mais propício ao desenvolvimento da Ciência, o qual só se efetivará muitas décadas depois. Estou me referindo, por exemplo, a seu próprio pai, o italiano Domingos Agostinho Vandelli (1735-1816), introdutor da Química e da História Natural em Portugal a convite do Marquês de Pombal, que também contratou para o ensino e divulgação da Física o paduano Giovanni António Dalla Bella (1730-1818); a Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), que por ordem de D. Maria I, empreendeu a *Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*;

a José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), renomado naturalista, estadista e poeta; ao militar, botânico, mineralogista, matemático e escritor Frederico Leopoldo César Burlamaque (1803-1866), ex-diretor do Jardim Botânico da Lagoa Rodrigo de Freitas e do Museu Nacional; ou, ainda, ao médico, botânico e zoólogo Francisco Freire Allemão de Cysneiros (1797-1874), também ex-diretor do Museu Nacional, entre outros brasileiros.

Alexandre Vandelli é um homem de cultura com um pé no velho continente e outro no novo. Atuou e escreveu obras nas mais diversas áreas do saber ilustrado no século XIX, sendo sua atuação em Portugal marcada como Guarda-Mor da Academia Real das Ciências de Lisboa, além do início sistemático da Paleontologia dos vertebrados naquele país. No Brasil, participou da importante tentativa de estabelecer, através da Sociedade Vellosiana de Ciências Naturais do Rio de Janeiro, um grupo ativo de debates científicos na capital, mas de cunho estritamente brasileiro. Acabou por travar com Freire Allemão e Frederico Burlamaque a mais interessante das discussões que surgiram nesta Sociedade, a chamada “querela dos nevoeiros secos da cidade do Rio de Janeiro”, que será abordada ao longo deste belo livro.

Antes, porém, de falar do livro de Adílio Jorge Marques, para melhor se entender o ambiente da Colônia, pouco propício às letras e à ciência, no qual muitas das histórias aqui contadas se desenrolaram, basta recordar que, embora os portugueses tenham chegado por aqui em 1500, foi só após o estabelecimento da Corte no Rio de Janeiro, quando todas as ordens deveriam partir da colônia do outro lado do Atlântico, que surge a primeira tipografia brasileira em 13 de maio de 1808: a Imprensa Régia. Mesmo assim, seu objetivo exclusivo era imprimir os papéis diplomáticos e a legislação. Só mais tarde foi autorizada a publicar outros títulos e assuntos, quando, enfim, novas tipografias se instalaram na Corte e em outras localidades. Em 1821, o Governo do Rio de Janeiro, *preocupado com o progresso e a civilização das letras*, abolia aparentemente a censura prévia dos escritos, mas havia pena de multa e prisão para os abusos cometidos. Neste mesmo ano, pelo decreto de 31 de março de 1821, aboliu-se a Inquisição.

A maior influência intelectual na formação de Alexandre foi a de seu pai Domingos, quem, por sua vez, havia sido fortemente influenciado por Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), notável naturalista, matemático e escritor francês, e também pelo grande naturalista sueco Carl von Linné (1707-1778), com o qual manteve uma correspondência longa. As teorias de ambos influenciaram todas as futuras gerações de naturalistas, e as ideias de Linné são consideradas precursoras da ecologia moderna. Em 1787, Domingos Vandelli foi para Lisboa a fim de coordenar os trabalhos preliminares para a instalação do Jardim Botânico do Palácio Real da Ajuda e foi também um dos impulsionadores da criação da Academia Real de Ciências de Lisboa. As suas principais contribuições científicas situaram-se no campo da História Natural e da economia, em uma perspectiva que se integra no utilitarismo típico de Portugal da Época das Luzes. Exemplo deste naturalismo a serviço do mercantilismo, incentivado e incorporado pela corte portuguesa, é a criação do *Jardim de Aclimação*, que deu origem ao atual Jardim Botânico do Rio de Janeiro, pelo Príncipe-Regente D. João, recém-chegado ao Brasil, por Decreto de 13 de junho de 1808, cuja finalidade principal era aclimatar as plantas de especiarias oriundas das Índias Orientais.

Outra influência digna de nota foi a de seu sogro e amigo José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), o mais ilustre dos discípulos de Domingos.

Alexandre Vandelli trabalhou em várias atividades científicas e técnicas durante um período atribulado da história de Portugal, e em um Brasil que lutava para se impor como nova nação. Mostrou atuação diversificada em áreas distintas, com participação em várias instituições dos dois lados do Atlântico. Atuou como professor de ciências do jovem D. Pedro II e de outros membros de sua família. Com a independência do Brasil, e os vários movimentos que constituíram a história da nação brasileira, a capital, para onde veio a corte em 1808, logo passou a ser o palco da atuação deste químico e proeminente naturalista. Alexandre Vandelli foi um dos Mestres que ajudaram a despertar no jovem Imperador D. Pedro II o interesse pela filosofia natural e pelas ciências, característica que sempre acompanharia o Soberano brasileiro. Daí a escolha do título: *O professor do jovem Imperador*. Trata-se de uma escolha muito apropriada, pois o impacto de seu exemplo e de seus ensinamentos, bem como os de José Bonifácio, na formação do espírito aberto e do gosto pelas Ciências Naturais no jovem D. Pedro II foi certamente decisivo na construção da visão de mundo do Imperador. Esta profícua influência da intelectualidade na formação de governantes me faz lembrar outro exemplo notável na História. O fato de Aristóteles – primeiro intelectual na Antiguidade Clássica a possuir uma expressiva coleção de livros, motivado por seu ideal de sistematizar o conhecimento do mundo helênico – ter influenciado, por meio de Demétrio de Falero, a decisão do rei do Egito de organizar a fabulosa Biblioteca de Alexandria. Ainda no campo do ensino de ciências, Alexandre Vandelli pode contribuir para a melhoria da qualidade do ensino secundário no Brasil quando foi encarregado, em 1839, de escolher nas coleções de Botânica e Mineralogia do Museu Nacional um conjunto de exemplares para servir ao curso de ciências do Colégio Pedro II. Note como esta visão de ensino, que valoriza o empirismo, contrasta com a dominante no Brasil de hoje.

O professor do jovem Imperador é construído por Adílio com muita habilidade. Sem seguir uma rígida escola historiográfica, nos guia por uma viagem fascinante, contada em linguagem clara e objetiva, na qual se enfatiza como as preocupações e interesses científicos se entrelaçam com o humanismo, com a economia e com a estrutura de poder do século XIX. Sua abordagem certamente interessará tanto a especialistas quanto ao leitor em geral. A organização do livro é simples, mas reflete a erudição do autor, sem pedantismos, e se apóia em muita pesquisa histórica, incluindo o estudo de várias fontes originais e alguns textos desconhecidos.

No Capítulo 1, o autor descreve as múltiplas influências que o biografado recebeu, no Capítulo 2, suas atividades e interesses em sua fase em Portugal, seguido da abordagem de suas contribuições no Brasil, apresentada ao leitor no Capítulo 3. O último capítulo trata da fase final da vida de Alexandre Vandelli. O livro traz ainda um útil índice onomástico e uma vasta bibliografia incluindo fontes primárias e secundárias de grande valor para aqueles leitores que tenham interesse em se aprofundar na história da vida do professor do jovem imperador. Boa leitura!

Francisco Caruso
CBPF, UERJ & HCTE/UFRJ